

Diversão & Arte

CONTOS REVELADORES DA ALMA E DO COTIDIANO DE PEDRO ALMODÓVAR CHEGAM ÀS LIVRARIAS; JÁ RITA LEE, EM REGISTRO PÓSTUMO, REVÊ A RELAÇÃO ENTRE FÃS E MITOS



A VIDA NA INVENTIVA IMORTALIDADE

» RICARDO DAEHN

A realidade e o devaneio se alternam em *O último sonho*, livro, em parte, baseado na vida real do eterno cineasta espanhol Pedro Almodóvar. “Em geral acho entediante escrever sobre mim, mas a leitura de escritores ou artistas que falam de si, que escrevem sobre si mesmos, me atrai”, confessa o autor. E assim é possível vislumbrar os arroubos de Almodóvar, quando ele descreve implicâncias de terceiros, como uma mantida por Andy Wahrol, obcecado pela afirmação gay: “Entendo que isso deve tê-lo divertido por um tempo, que ele só quisesse compartilhar com o resto do mundo seu avatar mais banal, mas passar a vida assim?”. Nos contos (são 12, no total) ele louva o domínio temporal na telona do colega Martin Scorsese; enaltece os escritos de Rubem Fonseca, e, como intelectual, celebra parcas adaptações fenomenais para a sétima arte de James Joyce (*Os vivos e os mortos*) e Lampedusa (*O leopardo*).

E, as mulheres? Óbvio que ocupam pedestal. Joana, a bela demente surge para enfrentar um calvário até se estabelecer como rainha feminina e um "símbolo sublime e irracional" do que seja a alma espanhola. O conto emula situações de *A bela adormecida* (da Disney), mas avança, com Joana colocada numa trama repleta de festas "laicas, ruidosas, tradicionais e violentas", em vida nordeste pela voz Deus.

Incomum também é o destino do velho jovem ("imaturo com o tempo") retratado em *Vida e morte de Miguel*, preso ao presente e à ação de conjuntura nebulosa, que desbota tanto a memória quanto o porvir. O desígnio da escrita castiga Miguel, "jovem demais para entender que o senso de perfeição (nos resultados da escrita) é inverso à passagem do tempo",

como defende o autor Almodóvar. Delicado e dono de existência poética, Miguel se vê isolado, condição que, atualmente, aflige o cineasta escritor. Em Memórias de um dia vazio, ele assume que a solidão deriva “de não responder aos outros, por não ter cultivado verdadeiras relações de amizade ou por não ter dado atenção às que tinha”.

Autocrítico, Almodóvar esperou por 40 anos para se arriscar à publicação. De certa forma, ele se vê um tanto na trajetória despretensiosa da pioneira roteirista Anita Loos, tornada autora do "melhor livro de filosofia já escrito por um cidadão americano", como ele descreve. Desprendido do narcisismo advindo com a própria obra, Almodóvar ressalta, no livro: "Ninguém é tolo a ponto de pensar que, ao escrever um bom roteiro, está destinado a escrever um bom romance, muito menos um grande romance".

Citando Federico García Lorca ("Há quem pense que os filhos são coisa de um dia. Mas demora muito. Muito"), Almodóvar deixa exposta a postura de filho amável, quando o tema é a mãe Francisca Caballero, morta há 25 anos. ("Com ela) Aprendi algo essencial para meu trabalho:



O ÚLTIMO SONHO

**De Pedro Almodóvar, editado pela
Companhia das Letras, com tradução
de Miguel Del Castillo. Preço, R\$
74,90 (192 pgs.) e R\$ 39,90 (ebook).**

a diferença entre ficção e realidade, e como a realidade precisa ser completada pela ficção para tornar a vida mais fácil”, escreve ele, no conto O último sonho. No texto, ele descreve a vida à la *Central do Brasil* protagonizada pela mãe, que, aos vizinhos analfabetos, prestava o serviço de florear cartas com fatos e dados (inverídicos) que amenizavam dores e aplacavam expectativas nutridas pelos remetentes das cartas. Com as vistas “fora de foco”, o diretor conta de como “tudo” aconteceu, quando da morte da mãe.

No exercício da plena imaginação, as narrativas de Almodóvar alcançam a sex symbol pornô Patty Diphusa e dois forasteiros entretidos com ambientes sacros e tentações. Um deles, tido como o Messias, “falava de imortalidade, de perfeição, de trevas, de amor e de salvação, mas com uma linguagem que era nova...”. Um conde misterioso protagoniza, num enredo outra cena digna de cinema: “O Cristo de madeira começa a jorrar sangue por todas as feridas. Primeiro pelos pés, depois pelo peito e pelas mãos, pelo canto dos lábios, pelas têmporas. O conde se eleva no ar sem apoio algum e se lança a todas as fontes com a boca frenética”.

Em trecho do capítulo Um romance ruim, o criador admite: “Pensamentos e canções me invadem continuamente e insistem em me acompanhar quando estou em silêncio, o que acontece na maior parte dos dias em que não estou filmando”. Sendo assim, não fica difícil imaginar o espaço mental ocupado pela “deusa marginal” Chavela Vargas, definida nos acordes da música ranchera revestida de blues, ou recondicionada como fado ou “dolorosa canção de ninar”, e que puxa mais uma narrativa de orfandade para o autor do conto *Adeus, vulcão*. Falando dos outros, Almodóvar diz muito de si.

Na realidade da realeza

“Mãe, mais lógica e menos emoção!”. Sem aspecto de censura, é o filho de Rita Lee João Lee, que nunca se afundou num porre e se viu a “ovelha negra da família”, cursando administração, quem puxa a narrativa da cantora-escritora, no livro *O mito do mito*, para um campo mais pragmático. Ganha um doce (sem trocadilhos) quem adivinhar do que mais Rita Lee falaria, para além do sexo e das drogas... No livro, ela destrinça as fases de ter sido Patinho Feio, Pollyana, Barbarella, Lucy in the sky with diamonds, Rê Bordosa e até vovô Donald. Descolada, a roqueira se prova uma entusiasta da família, tratando da cumplicidade com Beto Lee (o filho “gente boa”); com Antonio Lee, o rebelento sonhador e sedutor junto a “corações carentes” e com o “eterno namorado” Rob: “Nada como ter Roberto por perto”, descreve ela, ciente do potencial do “assanhamento” feminino atacado.

No livro, Rita fala ainda das “garras do droão”. “As melhores músicas que fiz foram sob o efeito de drogas. As piores também”, descreve ela, já com “total controle” sobre antigos vícios. “Pior é o álcool que se faz presente até em inauguração de creche”, ironiza a eterna musa do Cor-de-rosa-choque. A paulistana que trazia mais de 1 milhão de exemplares de livros vendidos levou mais de 20 anos para estampar nas páginas as contraposição das aventuras imaginadas no livro das meras coincidências da vida. Ela mesma desencoraja distinções. No livro, Rita conta das encrencas com megalhanas, de traquinagens infantis e dos assombros, numa era em que há “político fã-tantã de Hitler” pairando solto. Uma citação ao seu “fã-ponta-da-língua” Renato Russo chama a atenção. Num encontro no programa do Chacrinha, o trovador se provou enciclopédico: lembrou da ida ao show do Tutti Frutti, no Colégio Marista, em que a musa ostentou uma guitarra Fender Telecaster e, no bis, apelou para *Ovelha negra*.

O lado humano se manifesta em episódios como o da visita ao Hospital do Câncer (na ala infantil) que forçou a despedida dela do “fã passarinho-elefante”. Ainda com aspectos médicos, mas bem pretensos, a narrativa se ancora na figura do embate entre Rita Lee e o alemão Dr. Eric von Kaperhauss que, de dentro de um casarão, instiga a aflorar a memória da paciente. Todo o discurso é intermediado pela irmã de Rita, Vivi, a postos para acompanhar, numa escuta telefônica improvisada via iPhone, as sessões que desvelam “o enigma do fã”. O questionário traz Rita tratando do ato condenável de fumar e as incondições de compartilhar dos estados alterados junto a personalidades como Leonardo da Vinci e Cole Porter. No texto, ela segreda a compra de uma quinquilharia: a bituca de cigarro de George Harrison.

O audiovisual ocupa lugar de destaque, desde o encanto dela com figuras como as de Peter Pan, Llassie e Tin Tin. As decepções também se empilham: o menino que não queria crescer goza da companhia da “chata” Wendy e os astros caninos (a todo momento ela exalta a ligação com os “filhos bichos”) sofriam com um processo de estrelato que os escravizavam. Numa época em que “suruba era cultura”, ao lado da idolatria por James Dean, Lee conta da “fêmea famosa por quem sentiu atração física”: Brigitte Bardot. Fantasiosas fotografias reveladoras de astros e estrelas nus também povoam a escrita.

Sem se descolar da postura de fã, a escritora que, como cantora, se vê vocacionada a ser uma mera atriz que desempenha personagem cantante, destaca amores passados à época do programa televisivo Grande Gincana Kibon, pulsante em tipos como Idalina de Oliveira e Vicente Leporace. Para além de citar Charles, o pai nada refinado e que gostava de música caipira, Rita exalta a mãe Chesa, pianista de comportamento católico-carnavalesco. Eles que a teriam ensaiando: "Love is all you need!"



O MITO DO MITO

De Rita Lee. Editado pela
Globo. Preço: R\$ 44,90
(ebook) e R\$ 51,40 (118 pgs.)